



Divulgação das ações do Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta

Sem feminismo não há agroecologia!



GENTE QUE FAZ O PROJETO

**Mulheres da
Agricultura Urbana
do Rio de Janeiro**

PÁGINA 5



DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

**O papel da Agroecologia
no desenho de sistemas
agrícolas resilientes às
mudanças climáticas**

PÁGINA 17



DIÁRIOS DE CAMPO

**Oficinas Saberes e Memórias:
intercâmbio de Mulheres entre
o Maciço da Pedra Branca e os
Arranjos Locais do Rio de Janeiro**

PÁGINA 25

**Tecnologias Sociais de
Produção agroecológica e
Justiça Climática**

PÁGINA 32

**Identidade quilombola,
memórias e conservação
ambiental**

PÁGINA 47

REALIZAÇÃO



160px

PATROCÍNIO



166px



20px

166px



Justiça Climática, Agroecologia e a Luta das Mulheres

As modificações do clima na vida cotidiana são bastante perceptivas. O calor aumenta e o frio também, e já não sabemos distinguir as estações do ano como outrora. Escassez de água em uns locais, enchentes, chuvas torrenciais e perda da produção agrícola em outros.

As consequências dessas mudanças são sentidas por todos, porém são agravadas no contexto da vida das mulheres, por serem elas as responsáveis pela reprodução e pelo cuidado da casa e da família. Em contextos de crise, seu trabalho se intensifica diante das mudanças climáticas.

No mês de março, no dia 16, celebramos o Dia Nacional da Conscientização sobre as Mudanças Climáticas. Quando falamos nesse tema, estamos falando da consequência de um conjunto de fatores que, de uma forma geral, podem ser explicados pela intensificação do chamado efeito estufa - uma forma natural de retenção do calor observada no sociometabolismo da natureza.

Este efeito que, em si, não é um problema, torna-se uma questão ambiental quando a emissão de gases produzidos





nas atividades produtivas e industriais da humanidade é intensificada. Com isso, é observada a elevação da temperatura do planeta. As principais atividades que influenciam o efeito estufa são a queima do combustível fóssil (carvão e petróleo) e a forma predatória de uso da terra para extração de minérios e produção de *commodities* através da monocultura.

Esse fator provoca consequências diversas, e sobretudo, afeta diretamente a vida das mulheres e das comunidades tradicionais e de agricultoras que dependem das condições climáticas para a produção e reprodução de suas vidas, incluindo a produção de alimentos, o acesso à água e à moradia de um conjunto vasto de famílias e pessoas.

As Nações Unidas estimam que 80% das pessoas deslocadas pelas mudanças climáticas são mulheres, principalmente mulheres não brancas.

Ao longo do tempo, as mulheres agricultoras, quilombolas e indígenas têm demonstrado uma atitude de forte resiliência climática e insurgido contra as lógicas produtivas praticadas pelo agronegócio em seus territórios.

Diante dessa realidade, o mundo precisa adotar uma abordagem feminista para enfrentar a crise climática, o que envolve também uma missão coletiva para mudar quem está liderando as soluções para a crise e qual será a abordagem.

Mulheres lideranças territoriais ligadas aos povos da terra, dos rios e das florestas já realizam historicamente a preservação e conservação das águas e dos solos. As líderes femi-



nistas do clima reconhecem que é necessário cultivar o senso de comunidade para ampliar o movimento climático.

Com compromisso com a justiça e a igualdade, elas possuem maior capacidade para restaurar relações e reconciliar a dinâmica social injusta que existe entre várias comunidades e segmentos sociais. A partir de seus conhecimentos e tecnologias agroecológicas se organizam politicamente para defender seus territórios e barrar a entrada de empreendimentos que degradam o clima, a vida e a natureza.

Nessa Folha Informativa, conheça um pouco o que temos feito para fortalecer essas atividades já existentes. Em janeiro e fevereiro, em razão do aumento do surto da variante Ômicron, as atividades presenciais do nosso projeto ficaram suspensas de modo presencial. Porém, graças ao avanço da vacinação e ao trabalho incansável dos profissionais da saúde, sobretudo do Sistema Único de Saúde, a cobertura vacinal foi ampliada e pudemos retornar às atividades presenciais.

Confira o que fizemos nesse bimestre, foram oficinas de compostagem, ampliação do debate acerca de importância da presença das comunidades quilombolas no enfrentamento às questões ambientais e o fortalecimento da economia popular e da agroecologia, apoiando a geração de renda e a permanência das mulheres em seus territórios.

Boa leitura!

GT Mulheres do Programa
de Agricultura Urbana da AS-PTA



Mulheres da Agricultura Urbana do Rio de Janeiro

Leila - Mulheres de Pedra do Arranjo Local de Guaratiba

Leila de Souza Netto é uma mulher negra, indo para os 60 anos de idade. É mãe, avó e moradora de Pedra de Guaratiba, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Há 21 anos, ela faz parte do coletivo Mulheres de Pedra, onde coordena, colabora e coopera para trazer o “fazer” feminino para o coletivo.

Dona Leila, como é conhecida, separa cuidadosamente os alimentos doados pelo projeto Benfeitoria, uma plataforma de captação de recursos para projetos de impacto cultural, social, econômico e ambiental. Em 2020, o coletivo apresentou um projeto de arrecadação junto com a campanha de conscientização #CoroasVIVAS. A campanha consiste na criação e difusão de 10 vídeos, com o objetivo de divulgar estratégias econômicas e comunitárias, e reafirmar a im-

Leila, liderança das Mulheres de Pedra na zona oeste do RJ





Símbolo que representa o coletivo Mulheres de Pedra

portância do cuidado e proteção, devido à pandemia de Covid-19.

A ideia do projeto foi de Lívia Vidal, que é filha da Dona Leila, e tem uma participação ativa no coletivo. Até o momento, 28 Mulheres de Pedra foram beneficia-

das com R\$ 300 reais mensais durante três meses. Além do recurso, elas recebem cestas básicas. Muitos dos alimentos são da agricultura familiar, o que possibilita, também, o fomento dessa produção tão importante para a sociedade.

Com essa ajuda bem vinda, as Mulheres de Pedra consegue dar viabilidade às vidas femininas, criativas, pretas e periféricas do Rio de Janeiro.

“A coletiva Mulheres de Pedra vem desenvolvendo arte, cultura, artesanato, rodas de conversas, música, dança... tudo o que fala sobre nosso cotidiano feminino[...] E esse coletivo vai se costurando com outras mulheres periféricas de outros estados e de dentro da nossa localidade, fazeres, criatividade, acolhimentos. E estamos aí na trajetória, agora, caminhando para transformar nossa casa num museu feminino sagrado”, afirma Leila.



Leila, liderança das Mulheres de Pedra na zona oeste do RJ

Visite o site do projeto (<https://benfeitoria.com/coroaviva>) e apoie o Coletivo, que é inspiração para muitas mulheres na busca do protagonismo preto na construção de um mundo possível.

Rita Maria, a Rita do Xarope - Quintais Produtivos da Colônia

Dona Rita Maria Barbosa, 65 anos, conhecida como Rita do Xarope, atualmente é moradora de Chaperó, bairro localizado na cidade de Itaguaí. Durante 12 anos, Dona Rita cuidou de sua horta na comunidade Juliano Moreira, na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, comercializando hortaliças orgânicas e ensinando crianças sobre agroecologia.

O apelido “Rita do Xarope” vem do xarope contra resfriados que ela produz e comercializa há 20 anos, receita de sua avó. Em

Rita do Xarope





Rita do Xarope (Foto: Quintais Produtivos da Colônia)

2012, Rita foi covardemente expulsa de casa e teve sua horta destruída para que um ponto de coleta de lixo fosse construído no local.

A agricultora teve que se mudar às pressas para uma casa que não oferecia o espaço neces-

sário para cultivar. Assim, fez parceria com sua vizinha e amiga Aldacir e passou a apoiar a produção de hortaliças e plantas medicinais, produziam e vendiam juntas. Dona Rita se tornou bolsista da Fiocruz Mata Atlântica dinamizando os quintais da Colônia, trocando experiência sobre agriculturas e reforçando a forma de manejo agroecológico do qual tem tanta experiência.

Atualmente, apesar de moradora de Chaperó, ela faz parte do projeto Quintais de Cultura, onde agricultoras familiares plantam verduras, ervas medicinais e temperos nos quintais de suas casas e comercializam na Barraca da Colônia todas as quartas e na Feira Agroecológica Josué de Castro, na Fiocruz, em Manguinhos.

Sumaya Bezerra - Quintais Produtivos da Colônia

Sumaya é uma agricultora potiguar, vinda de Natal (RN), há 12 anos. Seu apreço e admiração pela agricultura orgânica foram motivadores para a construção de uma horta em seu quintal que é certificada como orgânica.

Além da horta, Sumaya tem uma produção carinhosa e deliciosa de pães e bolos sem lactose, sem açúcar e sem glúten, sendo a maioria desses produtos veganos. Sua história e aprendizagem sobre agroecologia começaram em 2012, em um curso sobre Economia de Setores Populares, na Fiocruz. Durante o curso, Sumaya comenta que recebia incentivo para fazer uma horta. Em 2013, ela criou sua primeira 'hortinha' dentro de um caixote de madeira.

O interesse só aumentava e ainda, no mesmo ano, foi convidada para participar de uma feira de produtos orgânicos na Freguesia, em Jacarepaguá (RJ). De acordo com ela, a produção de pães e bolos já existia, mas, depois do curso, passou a produzir e comercializar produtos agroecológicos. Em 2016, Sumaya teve sua produção certificada como orgânica e hoje



Sumaya Bezerra, dos Quintais Produtivos da Colônia



Sumaya e a sua
produção de Pães

tem observado clientes novos nas feiras: “eu acredito que a ficha das pessoas está caindo agora. Infelizmente, se não mudar a cabeça, não tem como mudar a atitude”.

Sumaya frisa que a ideia do preço elevado dos produtos orgânicos é, de certa forma, ilusão. De acordo com ela: “nossas verduras são R\$ 3,00 e, no mercado, às vezes, R\$ 4,50. Se você for olhar pro convencional, vai perceber que é quase o mesmo preço do orgânico”. Além disso, ela destaca que alguns empreendimentos comercializam os produtos orgânicos a preços absurdos e desmoralizam a feira. Muitos acreditam que, por ser orgânico, vai ser caro. “Mas é importante ter em mente a vontade da mudança, a vontade de conhecer novos alimentos. Isso muda tudo”, conclui.

participa de cinco feiras: Freguesia, Fiocruz Manguinhos, Ministério da Saúde, UERJ e a Feira do INCA.

A agricultora acredita na mudança do sistema alimentar convencional para o alternativo e, cada vez mais,

Dona Leda, Arranjo Local de Guaratiba

No Arranjo Local de Guaratiba, mora também Leda, agricultora urbana e referência da agroecologia em Guaratiba e na Rede Carioca de Agricultura Urbana. Uma das fundadoras e responsáveis pela Horta da Brisa, horta comunitária que há mais de 30 anos desempenha um papel de abastecimento da comida de verdade e fortalecimento dos saberes populares para a comunidade do entorno.

Conhecedora das ervas, Dona Leda, no seu quintal que ela bem chama de farmacinha, tem uma infinidade de plantas frutíferas, ornamentais e medicinais como: louro, boldo, assa-peixe, manjeriçã, limão galego, jambu, banana, maracujá e muitos outros.

Neste último período, retomamos as atividades neste espaço. Para nós, traz uma sensação de recomeço



Dona Leda é referência na agricultura urbana da zona oeste do Rio de Janeiro



Mutirão na Casa da Dona Leda, em Pedra de Guaratiba

e de conexão com tudo aquilo que vêm sendo construído nesse território. Gratidão a Dona Leda por fazer parte e, mais uma vez, ter nos recebido no seu quintal e por ser essa enorme referência do fazer agroecológico da cidade do Rio de Janeiro. No quintal da Dona Leda tem #produtosdagente !



Chris Rio branco, na oficina de Criação de Abelhas Nativas

Chris Rio Branco

Christiane dos Santos Rio Branco tem 41 anos e mora no Rio de Janeiro no bairro de Guaratiba, formada em zootecnia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com especialização em Turismo Cultural pelo INP- Instituto Pretos Novos/ USU – Universidade Santa Úrsula e mestranda pela FIOCRUZ/COC em Preservação e Gestão

do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde.

Como guia de turismo adquiriu experiência em guiamentos em áreas naturais, principalmente no



Atividade prática da oficina de Cultivo de Abelhas

Parque Estadual da Pedra Branca. É pesquisadora na área de criação e forrageamento das abelhas nativas sem ferrão da mata atlântica. Em nosso projeto, ela contribui como facilitadora da Oficina de Cultivo de Abelhas Nativas.

Integra a Coletiva Mulheres de Pedra, na construção de um museu social com o objetivo de perenizar a dinâmica cultural e histórica de Pedra de Guaratiba. Nossa casa e nosso coletivo atingem todo o território. Muito mais do que um trabalho, somos uma forma de acolher e de ouvir. O momento de escuta é um momento de alívio. Pra mim, o local do coletivo é um lugar de aprendizado contínuo, porque, a gente pensa que os nossos problemas são sempre os maiores. Mas, quando a gente se depara com outros problemas, a gente aprende a ouvir o outra, a se doar. São mãos que se amparam. É uma forma de troca, conhecimento e afeto. Isso só é possível por essa união. Solidariedade, União, Troca e Trabalho só com mulheres.

Pra ela, “Ser mulher é ser um conjunto de mulheres que nos precederam. A colcha de retalhos é uma metáfora que ajuda a gente a contar nossas histórias. Eu me defino como uma colcha de retalhos. É uma colcha que foi tecida pela minha mãe, pela minha avó e bisavó. Enquanto mulher negra, quando falo daquelas que nos antecederam, lembro daquelas que se sacrificaram para que hoje, mulheres como eu possam estar cursando mestrado. Ser mulher é pensar no passado e em tudo o que nos antecedeu”.

“ Ser mulher é ser um conjunto de mulheres que nos precederam. A colcha de retalhos é uma metáfora que ajuda a gente a contar nossas histórias. Eu me defino como uma colcha de retalhos. É uma colcha que foi tecida pela minha mãe, pela minha avó e bisavó. Enquanto mulher negra, quando falo daquelas que nos antecederam, lembro daquelas que se sacrificaram para que hoje, mulheres como eu possam estar cursando mestrado. Ser mulher é pensar no passado e em tudo o que nos antecedeu”.

– Chris Rio Branco

Leonídia Insfran

Agricultora do Rio da Prata em Campo Grande, formada em história e professora da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (Seeduc). Mestranda em ciência e tecnologia ambiental pela UERJ. Leonídia Insfran é presidente da Associação Remanescente Quilombola Dona Bilina.

Filha de agricultores, ela sempre buscou que seus alunos aprendessem que é possível aplicar conhecimentos da agricultura em pequenos espaços, buscando melhorar a segurança alimentar na região de Nova Iguaçu.

Com o início da pandemia, Leonídia reuniu colaboradores para criar a horta comunitária em seu

quintal no Rio da Prata, ampliando as ações comunitárias de melhoria da nutrição alimentar e diversificação dos pratos, assim como, os debates sobre o empoderamento da agricultura tradicional e sobre as necessidades ambientais do Quilombo Dona Bilina. A parceria com o Projeto Sertão Carioca tem apoiado o for-



Leonídia Insfran, mulher liderança, mãe e pesquisadora quilombola

talecimento das atividades na horta da comunidade quilombola. Em encontros semanais, são debatidos os andamentos do quintal produtivo.

Leonídia tem orgulho de ser filha dos agricultores Valdir e Artemis e bisneta de Dona Candoca, uma das matriarcas que marcaram a história do quilombo Dona Bilina. Nascida e criada na região, Leonidia tem três filhos e quatro netos. O local onde vive é herança de seus ancestrais, atualmente, a quinta geração da família está crescendo empenhada no cuidado, manutenção e reverência da cultura e história deixada por seus pais e avós.

Esse conteúdo foi produzido através da parceria da Campanha Produtos da Gente com o Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde (NUTES/UFRJ), sob supervisão da professora Juliana Dias. Participaram os estudantes: Luana Carla, Nathalia Moraes, Raiane Silva, Thamires de Oliveira, Wellington da Silva, Aicha Júlia, Milena França, Sabrina Bento, Maria Camila, Tammy Nami, Wellington Garcia, Artur Bastos e Lucas Herdi, Ana Vitória, Arthur Dutton, Guilherme Dias, Luan Alves, Reinaldo Monteiro e Sofia Reis, graduandos em Gastronomia (UFRJ).



O papel da Agroecologia no desenho de sistemas agrícolas resilientes às mudanças climáticas

Texto adaptado e traduzido do artigo [Agroecology and the design of climate change - resilient farming systems](#), escrito por Miguel A. Altieri, Clara I. Nicholls, Alejandro Henao e Marcos A. Lana, publicado na Revista Científica Agronomy for Sustainable Development, em 2015.



Impactos diversos, severos e específicos do local na produção agrícola são antecipados com as mudanças climáticas. O **relatório do IPCC** (*Intergovernmental Panel on Climate Change*) de 2014 indicou que o aumento do CO₂ e outros gases de efeito estufa pode levar a um aumento de 1,4 a 5,8 °C nas temperaturas globais da superfície, com consequências subsequentes na frequência e nas quantidades de precipitação.

A temperatura e a disponibilidade de água continuam sendo fatores-chave na determinação do crescimento e produtividade das culturas, e as mudanças previstas nestes fatores levarão a uma redução do rendimento da produção de alimentos.

Mudanças induzidas pelo clima na dinâmica e invasividade de pragas de insetos, patógenos e plantas daninhas podem agravar esses efeitos. Sem dúvida, a instabilidade induzida pelo clima afetará os níveis e o acesso ao suprimento de alimentos, alterando a estabilidade social e econômica, além da competitividade regional.

A **adaptação** é considerada um fator chave que determinará a gravidade dos impactos das mudanças climáticas na produção de alimentos. As soluções devem alterar radicalmente a natureza da monocultura dos agroecossistemas dominantes, caso contrário, não serão capazes de amenizar os impactos negativos das mudanças climáticas.



Atividade de assessoria técnica no Bairro Jardim Sulacap. Ação tem o objetivo de fortalecer a produção agroecológica nas cidades. Na foto, Marina Pellegrini, estagiária do projeto, e Emilson, liderança do bairro



Horta Urbana do Jardim Sulacap



Alice Franco na Horta
Comunitária do Quilombo
Dona Bilina

Os maiores e mais duradouros benefícios provavelmente resultarão de medidas agroecológicas mais radicais que fortalecerão a resiliência de agricultores e comunidades rurais, como a diversificação de agroecossistemas na forma de policulturas, sistemas agroflorestais e sistemas mistos lavoura-pecuária, acompanhados

de manejo orgânico do solo, conservação e captação de água e melhoria geral da agrobiodiversidade.

Os sistemas agrícolas das comunidades tradicionais são repositórios de uma variedade de princípios e medidas, tecnologias e conhecimentos que podem ajudar os sistemas agrícolas modernos a se tornarem mais resilientes aos extremos climáticos.

Muitas dessas estratégias agroecológicas que reduzem as vulnerabilidades à variabilidade climática incluem diversificação de culturas, manutenção da diversidade genética local, integração animal, manejo orgânico do solo, conservação e colheita da água, etc. Elas servem de base para o desenho de sistemas agrícolas adaptados.

Nas últimas duas décadas, observações do desempenho agrícola após eventos climáticos extremos (furacões e secas) revelaram que a resiliência a desastres climáticos está intimamente ligada a contextos produtivos ricos em biodiversidade. Levantamentos de campo e resultados relatados na literatura sugerem que os agroecossistemas são mais resilientes quando inseridos em uma matriz paisagística complexa, apresentando germoplasma¹ local adaptado e implantado em sistemas de cultivo diversificados, manejados com solos ricos em matéria orgânica e técnicas de conservação de água.



1. É o material que constitui a base física da herança genética sendo transmitida de uma geração para outra. Significa a matéria onde se encontra um princípio que pode crescer e se desenvolver, sendo definido ainda, como a soma total dos materiais hereditários de uma espécie.

A identificação de sistemas que resistiram a eventos climáticos recentes ou no passado e a compreensão das características agroecológicas de tais sistemas, observando aquilo que lhes permitiram resistir e/ou se recuperar de eventos extremos, é de maior urgência. Isto porque, os princípios e práticas de resiliência que fundamentam as unidades de produção de sucesso pode ser compartilhado com ainda mais agricultores, por meio de redes para ampliar as práticas agroecológicas que aumentam a resiliência dos agroecossistemas.

A difusão efetiva de tecnologias agroecológicas determinará em grande parte quão bem e quão rápido os agricultores se adaptam às mudanças climáticas.

Relatório de Avaliação, Mudança Climática 2022: Impactos, Adaptação e Vulnerabilidade

O **Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas**, mais conhecido pelo acrônimo IPCC (da sua denominação em inglês Intergovernmental Panel on Climate Change) é uma organização científico-política criada em 1988 no âmbito das Nações Unidas (ONU) pela iniciativa do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) e da Organização Meteorológica Mundial (OMM)

Os Conceitos Fundamentais do Relatório:

Risco. No relatório, o risco é definido como o potencial de consequências adversas para sistemas humanos ou ecológicos, reconhecendo a diversidade de valores e objetivos associados a esses sistemas. No contexto dos impactos das mudanças climáticas, os riscos resultam de interações dinâmicas entre os perigos relacionados ao clima com a exposição e vulnerabilidade do sistema humano ou ecológico afetado. No contexto das respostas às mudanças climáticas, os riscos resultam do potencial de tais respostas não atingirem o(s) objetivo(s) pretendido(s), ou de possíveis compensações ou efeitos colaterais negativos. A gestão de risco é definida como planos, ações, estratégias ou políticas para reduzir a probabilidade e/ou magnitude de potenciais consequências adversas, com base em riscos avaliados ou percebidos.

Vulnerabilidade. A vulnerabilidade é um componente do risco, mas também um foco importante de forma independente. É definida como a propensão ou predisposição a ser adversamente afetada e abrange uma variedade de conceitos e elementos, incluindo sensibilidade ou suscetibilidade a danos e falta de capacidade para lidar e se adaptar.

Adaptação. Adaptação em sistemas humanos é definida como o processo de ajuste ao clima real



Atividades de Educação Ambiental e Conscientização são realizadas pelo projeto através do Programa de Educação Ambiental e Combate ao Racismo para as Infâncias

ou esperado e seus efeitos, a fim de moderar danos ou explorar oportunidades benéficas. Nos sistemas naturais, a adaptação é o processo de ajuste ao clima real e seus efeitos; a intervenção humana pode facilitar o ajuste ao clima esperado e seus efeitos.

O planejamento de adaptação em sistemas

humanos geralmente envolve um processo de gerenciamento de risco iterativo. A adaptação é muitas vezes vista como tendo cinco estágios gerais: 1) conscientização, 2) avaliação, 3) planejamento, 4) implementação e 5) monitoramento e avaliação.

Atores governamentais, não governamentais e do setor privado adotaram uma ampla variedade de abordagens específicas para adaptação que, em graus variados, abordam esses cinco estágios gerais.

A adaptação em sistemas naturais inclui ajustes “autônomos” por meio de processos ecológicos e evolutivos. Também envolve o uso da natureza por

meio da adaptação baseada em ecossistemas. O papel das espécies, biodiversidade e ecossistemas em tais opções de adaptação pode variar desde a reabilitação ou restauração de ecossistemas (por exemplo, áreas úmidas ou manguezais) até híbridos.

Resiliência. Neste relatório, resiliência é a capacidade dos sistemas sociais, econômicos e ambientais de lidar com um evento perigoso ou tendência ou distúrbio, respondendo ou reorganizando de maneira a manter sua função, identidade e estrutura essenciais, ao mesmo tempo em que mantém a capacidade de adaptação, aprendizado e transformação. A resiliência é um ponto de entrada comumente utilizado, embora sob um amplo espectro de significados.

A resiliência como uma característica do sistema se sobrepõe aos conceitos de vulnerabilidade, capacidade adaptativa e, portanto, risco, e a resiliência como estratégia se sobrepõe à gestão de risco, adaptação e também à transformação. A adaptação implementada geralmente é organizada em torno da resiliência como um retorno a um estado anterior após uma perturbação.

Acesse o último relatório do IPCC. Clique [aqui](#).



Oficinas Saberes e Memórias: intercâmbio de Mulheres entre o Maciço da Pedra Branca e os Arranjos Locais do Rio de Janeiro

A oficina Saberes e Memórias é uma metodologia continuada de educação popular que busca resgatar e fortalecer o conhecimento, os saberes e as memórias das mulheres quilombolas e agricultoras que atuam nas atividades do nosso projeto. As mulheres quilombolas-faveladas acumularam conhecimentos ancestrais de saúde popular e resistências diversas. Elas são detentoras de saberes tradicionais, das rezas, da medicina natural e lutam atualmente, mais do que nunca, pela alimentação saudável e no combate à fome em seus territórios. Seu trabalho feminino enriquece a agricultura, fortalece a biodiversidade e resiste à destruição da natureza.

De ouvido atento e com o coração aberto, estamos sistematizando um conjunto diversificado de saberes, tecnologias, práticas alimentares e de conservação da natureza das mulheres que atuam conosco. São conhecimentos e epistemologias que permitem recontar as histórias a partir de um olhar feminino e feminista.



Carol, estagiária do projeto e o Boletim Mulheres, Jovens e Griôs



Dona Maria Lúcia, liderança comunitária do Quilombo Cafundá Astrogilda

A partir de um levantamento simples e amoroso, em rodas de conversa e oficinas, temos produzido publicações diversas, cujo objetivo é apoiar a continuidade e o reconhecimento público do uso e manejo do ecossistema florestal feito pelas mulheres. Através desses elementos, buscamos fortalecer suas capacidades de incidência política, governança comunitária, os laços identitários das comunidades e as estratégias coletivas de resistência e existência.

Nesse mês de março, mais uma vez reunimos a mulherada que atua conosco. Dessa vez, o tema que animou nossa conversa foi “Qual a importância da organização das mulheres?”. Inspiradas pelo Dia Internacional de Luta das Mulheres, mulheres e adolescentes de coletivos diversos estiveram presen-



Print da sala virtual onde ocorreu a oficina

17 anos, que é estudante do CIEP 165 que fica na Comunidade Quilombola Quilombo Dona Bilina, e participa do Espaço Ubuntu daquela escola, se interrogou, “ Qual é o nosso lugar na sociedade? É onde a gente quiser. Ser mulher é ultrapassar os obstáculos impostos. A sociedade e o mundo afora são cheios de preconceitos, e por isso, é uma batalha diária de conhecimento e reconhecimento”.

Luane é exemplo de liderança feminina em sua escola. Ela participa de atividades ligadas à programação, informática e inovação, e é uma referência sobre o tema. Sobre isso, ela destacou: “Tem pesquisas que apontam que um local com diversidade e administrado por mulheres, está mais propício a ter inovação e criação de tecnologias. Isso não sabemos, por causa do preconceito embutido e uma herança cultural, de que mulheres não fazem parte dessa área”

“ Tem pesquisas que apontam que um local com diversidade e administrado por mulheres, está mais propício a ter inovação e criação de tecnologias. Isso não sabemos, por causa do preconceito embutido e uma herança cultural, de que mulheres não fazem parte dessa área”

– Luane

te compartilhando suas experiências e vivências.

Na atividade, Luane Martins, de



Facilitação Gráfica que sistematiza as reflexões das mulheres

bemos, por causa do preconceito embutido e uma herança cultural, de que mulheres não fazem parte dessa área”.

Participaram ainda mulheres dos coletivos Mulheres de Pedra, Empório da Chaya e Rede de Agroecologia da UFRJ, além do GT Mulheres do Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA.

Todas as oficinas têm como resultado um material de educação e comunicação popular que é distribuído para as participantes, e tem o objetivo de apoiar outras ações de gênero que desenvolvem em seus territórios.

Clique aqui e acesse a edição [Boletim Mulheres, Conectando Quilombo e Favela](#) e a edição [Conectando Cozinha, Receitas e Afetos](#).

Fortalecimento da memória das mulheres do bairro de Vargem Grande

Em parceria com a Associação de Moradores e Amigos de Vargem Grande (Amavag), homenageamos em um mural-colagem Dona Herotildes e Nancy Ramos. O mural foi feito no salão principal da Amavag. Para a preparação do mural, fizemos uma roda de conversa em que, cada um e cada uma, foi trazendo uma memória de uma pessoa do bairro. Dona Herotildes e Nancy Ramos foram lembradas.

Dona Herotildes tem uma importante história de luta ambiental na região das Vargens. Ela foi presidente da Associação de Moradores do bairro e uma das primeiras mulheres a liderar o Movimento de Mulheres por Acesso à Água, Esgoto e Saúde na região da zona oeste do Rio de Janeiro.

Elas inspiraram novas mulheres na confecção de produtos comercializados. Produtos que combinam



Herotildes, uma das primeiras mulheres a liderar o Movimento de Mulheres por Acesso à Água, Esgoto e Saúde



Nancy Ramos, uma das primeiras
culinaristas



Zilda Telles

preservação da natureza, resgate de memórias e aumento da geração de renda.

Sarah Rúbia, ativista ambiental de Vargem Grande, e que organizou a confecção do mural, nos conta que o objetivo é resgatar a memória das mulheres da região.

“Nancy Ramos era mulher preta, produtora de seu quintal e liderança

“ Nancy Ramos era mulher preta, produtora de seu quintal e liderança comunitária. Dona Herotildes trouxe a luta pela inclusão, pela classe de alfabetização e a luta por um conselho escolar participativo. Houve um movimento social forte liderado por essas mulheres. O mural retrata as rezadeiras, culinaristas e lideranças femininas da comunidade é uma forma de homenageá-las”.

– Sarah Rúbia



Mural aplicado na Amavag

comunitária. Dona Herotildes trouxe a luta pela inclusão, pela classe de alfabetização e a luta por um conselho escolar participativo. Houve um movimento social forte liderado por essas mulheres. O mural retrata as rezadeiras, culinaristas e lideranças femininas da comunidade é uma forma de homenageá-las”.

O mural está instalado no salão principal da Amavag, e também homenageia Dona Nata, rezadeira da comunidade quilombola Cafundá Astrogilda. O mural fica na Estrada do Pacuí, 90. Vargem Grande e pode ser visitado mediante consulta.



Tia Nata



Tecnologias Sociais de Produção agroecológica e Justiça Climática

Apoio na produção do conteúdo:
Fábio Ferrarese



Através de encontros, formações e oficinas, temos buscado contribuir para a melhoria da convivência das comunidades nas áreas de floresta e nas áreas agricultáveis da cidade do Rio de Janeiro, ampliando o incentivo à produção de alimentos sem agrotóxicos, apoiando a viabilização de compra direta, a precificação justa dos produtos, e contribuindo com a geração de renda e o bem-estar das comunidades tradicionais que vivem, moram e plantam na Unidade de Conservação do Parque Estadual da Pedra Branca e suas áreas de amortecimento.

A zona oeste do município do Rio de Janeiro, é onde encontramos o Maciço da Pedra Branca. Ali o rural e o urbano se fundem de forma harmônica e natural, apesar dos conflitos existentes. Com o processo de urbanização acelerado e o aumento da demanda de moradia, a região vem sofrendo com as consequências da intervenção humana de forma desordenada.

Entre os principais problemas encontrados, temos a falta de saneamento básico, a insegurança alimentar, o desmatamento e um grande volume de resíduos que não são corretamente recolhidos e redirecionados para os seus devidos tratamentos. Conseqüentemente temos uma contaminação visível, nas ruas e córregos, com estes tornando-se valões, e os lençóis freáticos que contaminam água e solo e toda rede de abastecimento da região.

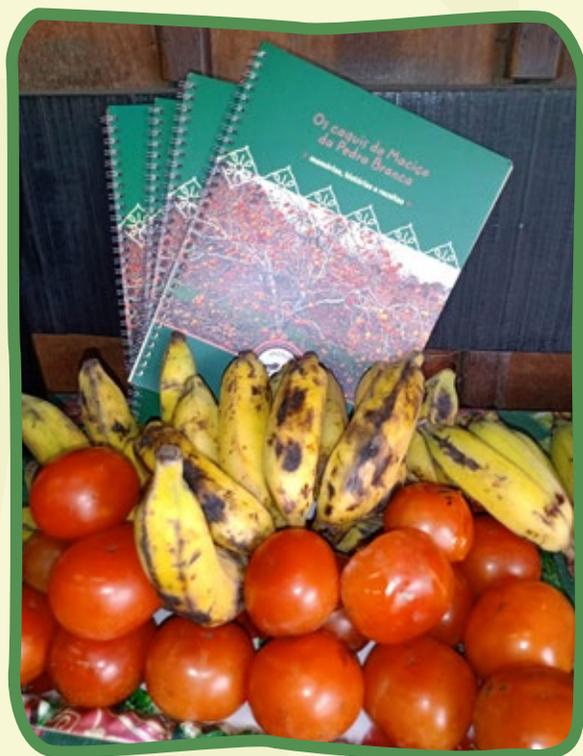
Desta forma, lideranças comunitárias em parceria com o projeto, têm realizado ações para mitigar os problemas ambientais causados a todo território. Uma das formas encontradas foi a realização de oficinas e formações que possam colaborar com a preservação de um ambiente saudável e sustentável, apoiar o trabalho comunitário e facilitar a geração de renda.



Oficinas de Compostagem

Nesse período, realizamos duas oficinas de compostagem no território do Sertão Carioca. Elas ocorreram em Vargem Grande e no Bairro Jardim Sulacap.

Em Vargem Grande, a atividade ocorreu no dia mundial da Água, e contou com a presença do composteiro e educador Paulo Monteiro. O dia começou



Caqui e banana são frutas muito simbólicas na agricultura urbana das Vargens

com um café da manhã agroecológico recheado de produtos locais, como frutas, bolos e sucos, que serviu para acolher e dar início a interação com um bom bate-papo. Quando todos já tinham chegado, foi formada uma roda para breve apresentação dos participantes, a contextualização das ações do Projeto Sertão Carioca e as parcerias envolvidas.

Fomos apresentados ao modelo de compostagem escolhido para implantação na sede da Amavag, que é a compostagem em cilindros. A escolha se deu, pois há um menor custo e um menor trabalho de manutenção. Outra vantagem é a possibilidade de inserir restos de comida cozida, e até ossos.

Renata Souto, assessora agrícola que desenvolveu a atividade em parceria com



Composteira sendo montada na Comunidade do Trinta



Composteira montada no quintal da AMAVAG

a Amavag e Feira da Roça destacou: “A oficina diz respeito à gestão de resíduos do bairro de Vargem Grande que sofre gravemente com questões climáticas, oriundas do desmatamento, do avanço da especulação imobiliária, do tratamento de esgoto precário e da contaminação

do solo e das águas, além da exploração indevida de água mineral e das nascentes dos rios locais.”

Utilizando uma cerca de arame galvanizado de um metro de altura, para facilitar o manejo, e cinco metros de comprimento, começamos a montar nossa composteira. Primeiro separamos a cerca em duas partes, uma com um metro de comprimento e outra com quatro metros. Assim, ligamos as duas pontas de cada parte, em separado, gerando dois cilindros, um maior, onde colocaremos os resíduos, e um menor, que foi colocado dentro do maior, onde não entram resíduos. Sua função é promover a aeração do sistema.

Recolhemos alguns galhos e restos de grama do local, assim como folhas secas. Na parte debaixo da composteira foram os galhos, que se trançam,



Galhos, restos de grama do local, folhas secas e resíduos alimentares serão usados na composteira

duos orgânicos do almoço, e também que alguns participantes separaram para a atividade. Por fim, cobrimos os resíduos com as folhas secas.

Paulo explicou que “Devem ser depositados novos resíduos a cada dois ou três dias, sempre incluindo folhas secas, galhos e, se possível, restos de grama. A proporção a ser utilizada é de uma parte de resíduos e restos de alimentos para três partes de sedimentos e folhas secas. Desta forma evita-se o mau cheiro, e mantém-se o sistema funcionando adequadamente. Após um mês é necessário verificar se há aumento da temperatura, seja com um termômetro, ou com um vergalhão. Isso indica que o processo está evoluindo corretamente.”, destacou Paulo Monteiro, que conduziu a oficina.

Letícia Ribeiro, também assessora agrícola, destacou que “a manutenção da composteira implan-

e permitem a aeração também pela parte de baixo. Em seguida cobrimos os galhos com a grama. A grama auxilia na aceleração do processo, pois se decompõe de forma rápida. Por cima da grama depositamos os resí-



Intercâmbio para montagem e preparo da composteira



Almoço agroecológico feito com comida de verdade! Servido na Oficina de Compostagem e preparado pela culinária Sarah Rubia

tada na Amavag será organizada em rodízio pelas mulheres da Feira da Roça, Agroecologia e Cultura e a comunidade do entorno também será mobilizada para participar.”

Oficina no Bairro de Sulacap

Já no bairro de Sulacap iniciamos falando da importância da gestão de resíduos, da reciclagem e dos ciclos da vida que permitem renovação e em especial nas cidades, mais autonomia e melhor ocupação dos espaços ociosos.

Falamos da cultura alimentar, de sazonalidade dos produtos e das



Emilson, membro do Jardim Sulacap Bairro Sustentável



Atividade contou com conteúdo práticos e teóricos

plantas espontâneas/matos de comer/pancs, dialogando com as profissionais e usuárias do Posto de Saúde do bairro e do Instituto Federal de Realengo.

Montamos uma Composteira, e também fizemos ajustes na Composteira já utilizada pelo seu Zé e Marcelo, que cuidam da horta. Destacamos a quantidade de resíduos produzida, falamos sobre a legislação, das possibilidades em pequenos espaços e reforçamos a importância das hortas coletivas.

Alguns ajustes no modelo de cilindro foram feitos (fio 20 ao invés de 16 como recomendado pois lá venta muito, o uso do chão cimentado para drenar o chorume, entre outros). O objetivo é alimentar de forma continua a horta. Doamos um rolo de tela de 15 metros, portanto teremos três composteiras de cilindro no bairro.



Equipe Hortas Cariocas,
Projeto Sertão Carioca
e Jardim Sulacap Bairro
Sustentável

Ao final das ações, conversamos sobre a possibilidade de comercialização do composto orgânico gerado na compostagem, que, por ter sua origem identificada, tem alto valor nas cidades, podendo assim reforçar a geração de renda da população local.

O composto gerado tem ainda papel fundamental no fornecimento de adubo de excelente qualidade, diminuindo o custo de produção e fortalecendo o microambiente onde o alimento é produzido, como hortas, agroflorestas e até vasos em pequenos espaços, pois favorece o crescimento de microorganismos benéficos, promovendo como um todo a diversidade de espécies locais e saúde ambiental.

Após as oficinas, foi combinada a multiplicação da produção das composteiras. Seguiram para serem montados os cilindros de mais 4 locais: Quintal da Tati e Paulinho e Quintal da Cristina/Jorge e Henrique, na Comunidade Quilombola Cafundá Astrogilda. Quintal no 30 envolvendo comunidade do 30, Posto de Saúde e Taboinhas, Quintal da Sarah e Larissa e Quintal da Rosinete. No bairro de Sulacap, serão duas na Horta Carioca e a terceira a decidir com o coletivo da associação



Você sabia?

A compostagem é uma atividade que tem seus primeiros registros na China, onde se empilhavam restos agrícolas. Posteriormente, na Índia, há registros de misturas de esterco, com folhas e restos de alimentos, sempre com o objetivo de melhorar a produção da agricultura. Hoje descarta-se os resíduos orgânicos de forma aleatória, sem perceber o valor que há ali. Cada brasileiro produz em média 1Kg de resíduos por dia, sendo aproximadamente 800g de resíduos orgânicos. Além do desperdício, abrimos mão de reaproveitar, reciclar e também contribuir para o incremento da adubação em áreas de produção de alimentos limpos. Nesse contexto, a oficina de compostagem é uma forma de contribuir para o fechamento de um círculo de consumo que as práticas agroecológicas preconizam, onde há um mínimo de descarte e máximo reaproveitamento.



Composteira sendo montada no Quintal da Tati e do Paulinho, no Quilombo Cafundá Astrogilda

Mutirão da Horta Orgânica do Quilombo do Camorim

Próprio do modo tradicional, camponês e agroecológico de cuidar da terra e do solo, os mutirões são momentos de práticas coletivas, vínculos e solidariedade através do trabalho cooperado e associado. Nesse período, pegamos na enxada, na roçadeira e no facão no Quilombo do Camorim, junto com a Associação Cultural Quilombo do Camorim para fazer o preparo dos canteiros para o plantio de mudas.

Para Adilson Almeida, o mutirão de construção da horta orgânica é uma oportunidade de formar o legado de parceria da ACUQCA com o Projeto Sertão Carioca:



Adilson Almeida, liderança quilombola da ACUCA. Equipamentos como ferramentas e roçadeiras foram entregues às comunidades para apoiar as Agroflorestas já existentes



Jussara do Quilombo do Bracuí, Douglas do Quilombo Maria Joaquina também estiveram presentes



Adilson, do Quilombo Cafunda Astrogilda e Wenderson, do Rio da Prata- Quilombo Dona Bilina

“Tivemos ajuda das mãos de voluntários e amigos da região, foi um encontro proveitoso e conseguimos avançar na construção da horta orgânica”. Adilson afirma que estas ações comunitárias precisam ser contínuas: “O espaço que temos na associação cultural é grande e precisamos do apoio de projetos com pessoas dispostas a doar esforços em prol da comunidade quilombola”.

“ O espaço que temos na associação cultural é grande e precisamos do apoio de projetos com pessoas dispostas a doar esforços em prol da comunidade quilombola”.
– Adilson Almeida



Mutirão envolveu ainda a comunidade quilombola do Camorim



Rosilane de Almeida, liderança quilombola e agente comunitária pelo Projeto

No projeto ainda constam outros encontros para dar andamento à construção do quintal produtivo da comunidade. Na atividade, aconteceu também um intercâmbio entre a juventude quilombola. Estão junto com o Quilombo do Camorim, Jussara do Quilombo do Bracuí, Douglas do Quilombo Maria Joaquina e Adilson, do Quilombo Cafundá Astrogilda.

A ação compõe o eixo socioambiental, e “visa ampliar a presença do elemento arbóreo e fortalecer as unidades agroflorestais que ficam na Unidade



Ingrid Pena, coordenadora do projeto, também botou a mão na enxada e participa da atividade

de Conservação do Parque Estadual da Pedra Branca e suas zonas de amortecimento.”, destacou Ingrid Pena, coordenadora de execução do projeto.

Oficina de Motopoda

Com objetivo de apoiar as comunidades quilombolas e de agricultores no manejo dos quintais, roças, e agroflorestas, realizamos mais uma oficina de mecanização agrícola. Aperfeiçoamos o modo de utilização e manutenção da motopoda. Também conversamos sobre a importância do uso correto do equipamento, respeitando as orientações de segurança do trabalho.

O uso e manejo de motopoda e motosserra necessita de plena capacitação, com fundamentação legal e responsabilidade técnica, em especial em áreas de Unidade de Conservação, além da garantia da segurança do trabalhador que irá utilizar o equipamento. De toda forma, o Projeto Sertão Carioca, fundamentado tecnicamente nas plenas atribuições de um operador de motosserra se dispôs a apoiar o manejo dos sistemas agroflorestais monito-



Equipe que participou do curso de Motopoda



Curso envolveu dimensão teórica e técnica

rados por nossa equipe técnica e também incentivar a geração de renda especialmente de jovens para serviços autônomos de poda e manutenção de área verde.

Mutirão de Manejo no Quintal de Dona Leda

Agricultores urbanos, moradores e representantes de organizações locais que fazem parte do Arranjo Local de Guaratiba se reuniram no quintal de Dona Leda para, em mutirão, fazer o manejo do quintal.

“O verão não é a época mais indicada para realização de poda, justamente para que as copas das árvores possam sombrear e proteger outras espécies da forte luz solar, porém pequenas limpezas de galhos e folhas às vezes são necessárias de serem



Mari Portilho e Dona Leda

feitas para abrir mais espaço no terreno e trazer clareza para algumas plantas” destacou Mariana Portilho, que é comunicadora popular, bióloga e realiza assessora técnica no arranjo.

Depois do mutirão foram programados os próximos encontros para todo o primeiro semestre do ano. Entre as atividades previstas

estão: oficina de produção de sabão ecológico, oficina de poda, oficina de jardim suspenso e compostagem. A proposta é que aconteça uma vez por mês um encontro nos quintais dos membros dos Arranjos e que a oficina seja uma forma de potencializar e difundir os saberes entre nossos parceiros.



Mutirão é alegria e associação pelo trabalho coletivo



Identidade quilombola, memórias e conservação ambiental



O projeto Sertão Carioca desenvolve ações para fortalecer as práticas tradicionais e a incidência das comunidades em políticas públicas voltadas para fortalecimento da geração de renda e para a permanência nos territórios da floresta. Nesse intuito, temos apoiado ações viáveis de ocupação econômica e de inserção social, desde uma perspectiva ambientalmente sustentável. Com isso, a ideia é que as comunidades quilombolas e agricultoras urbanas que vivem no Maciço da Pedra Branca e seu entorno possam construir projetos de vida com autonomia e economicamente viáveis. Nossa proposta inclui, além do fomento à comercialização de uma linha de produtos da sociobiodiversidade, o fomento às atividades já existentes de museologia social e turismo de base comunitária.

Natureza e gente são elementos indissociáveis, ou ao menos deveriam ser. A floresta do Sertão Carioca nos mostra isso. Habitar, e mais ainda, viver, é existir diante e junto do ambiente da floresta. É fazer parte da história da natureza que nos transforma e que transformamos.

Em nossas atividades, e inspiradas pela visão de mundo tradicional e quilombola, temos afirmado a conexão entre gente e natureza, favorecendo o entendimento de que devemos nos enxergar na integração entre humanidade e meio ambiente. Essa conexão é observada nas práticas tradicionais de geração de renda que colocam a biodiversidade como um dos elementos centrais de melhoria da qualidade de vida, assim colaborando para a manutenção da qualidade ambiental de uma das maiores florestas urbanas do mundo.

Conheça a [Ação Griô](#), atividade de Turismo de Base Comunitária realizada no Quilombo Cafundá Astrogilda

Essas atividades além de fomentar a inclusão produtiva e econômica a partir de recursos manejados e conservados nos territórios, ampliam a capacidade de interação e diálogo com a sociedade, fortalecendo as dimensões ambiental, cultural e histórica. Abaixo, você confere as atividades que realizamos nesse bimestre.



Museologia e Turismo de Base Comunitária no Quilombo Dona Bilina

Com o apoio da museóloga Júlia Pereira, estamos construindo junto com a Associação de remanescentes Quilombolas Dona Bilina, o plano de trabalho para o desenvolvimento das atividades de museologia social e Turismo de Base Comunitária naquele território. Em parceria com as lideranças quilombolas, temos pensado formas e práticas museológicas que se adaptem à realidade do grupo.

A pergunta que tem animado nossas trocas é "Como podemos pensar os patrimônios e as memórias a partir da socialização e divulgação da nossa história?". Nessa perspectiva, o equipamento museu é entendido como uma ferramenta que precisa ser socializada, devendo ser apropriada pelas diversas comunidades que, sabemos, têm muitas histórias para contar.

Alice Franco, educadora quilombola e agente comunitária pelo projeto destacou: "Eu sempre me



Roda de conversa para tomada de decisão sobre as ações de Museologia Social e Turismo de Base Comunitária no Quilombo Dona Bilina



Alice Franco, liderança quilombola e agente comunitária pelo Projeto

interessei pela história da região e, desde menina, recolho coisas físicas ou histórias que me contam. Não sabia que isso poderia ser pensado como uma atividade museológica. Aqui, temos um desafio, pois conteúdo do quilombo está muito disperso, apesar da grande riqueza para desenvolver diversos trabalhos e pesquisas.”

Nos nossos encontros, temos conversado sobre a configuração étnica e social de todo o território e algumas figuras e elementos importantes aparecem durante as falas. Leonídia Insfran, também educadora quilombola, relembra Seu Máximo, griô que merece uma homenagem ainda em vida. “Ele é uma pessoa que representa bastante a história do território. Ele faz parte de uma das famílias mais antigas da região do Rio da Prata. Sua



Seu Máximo, Griô da comunidade quilombola Dona Bilina

avó era escrava na região. Marcos, um famoso dono das terras da região era o homem pelo qual a avó de Seu Máximo trabalhava. Outro importante ponto a ser lembrado são as lavadeiras. Por ter muitos Rios na região, isto faz parte da nossa memória. Também me lembro dos ferros de passar roupa a carvão, eles eram muito usados”.



Leonidia e equipe no Quilombo Dona Bilina

Um ponto importante trazido pela liderança e que ajuda a melhor compreender a configuração étnica do território do Sertão Carioca é o fato das famílias da região serem bem miscigenadas e encontrarmos parentescos por várias vertentes do Maciço: “Meu

pai era negro, tinha uma irmã branca, outra retinta. As famílias “deste lado” se misturaram com brancos e conviviam. Recentemente, descobri que possivelmente minha bisavó é tia da Angélica (agricultora da região das Vargens e moradora do quilombo Cafundá Astrogilda) e neste sentido podemos ver relações de parentesco entre os moradores do “lado de cá (Rio da Prata) e os de lá (Vargem Grande)”.

As reflexões compreendem ainda a crítica ao processo de apagamento étnico, devido aos proces-



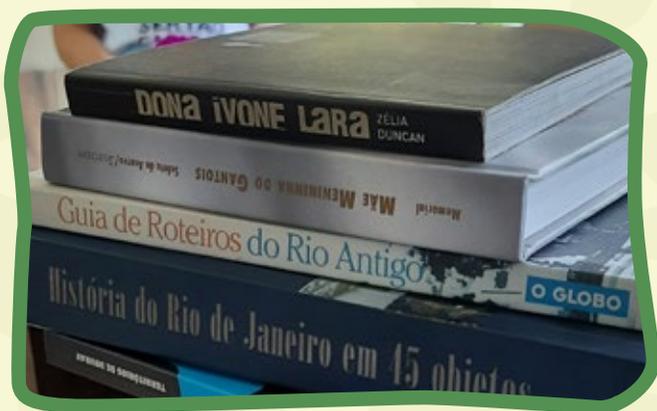
Material Pedagógico que apoiou as reflexões

soos históricos de embranquecimento, tema que traz algumas memórias para a conversa. “O sonho das meninas da região na década de 80 era trabalhar na Silbene do Centro de Campo Grande, por lembrar a estrutura de um shopping. A família do

dono vive até hoje de aluguel. A loja só contratava gente branca, tinha que ter "boa aparência".

Outro ponto também apagado na configuração étnica do território é a presença indígena que, apesar de não ter muitos registros documentados, faz parte da memória coletiva da região. Algumas referências sobre isso estão nos nomes dos lugares: Toca do Índio, Rua dos Caboclos, Estrada dos Caboclos, Cabuçu.

Através das reflexões, foram encaminhados alguns pontos que devem orientar a condução da organização do acervo museológico, como por exemplo, a memória da escravidão, o uso de novas tecnologias com objetivo de preservar e ampliar a contação dessas memórias, a ênfase na relação entre fé e a produção acadêmica e intelectual, valorizando outras narrativas, visões de mundo e tecnologias e ne-



Material Pedagógico que apoiou as reflexões

gando o eurocentrismo que busca desvincular as duas coisas.

Para desenvolver as atividades, “devemos conversar com os mais velhos e ouvir o que eles têm para passar ainda em vida!”

Júlia diz que as falas precisam reforçar e resgatar este lugar de quilombolas. “É sobre pensar em quilombo longe da perspectiva da fuga e refúgio, estamos falando sobre outras perspectivas e relações de vivência”.

Apoio ao Turismo de Base Comunitária (TBC) - Curso de Condutores Ambientais

Na última década, a atividade turística associada às áreas naturais se destacou como propulsora de desenvolvimento econômico.

Em parceria com o Instituto Estadual do Ambiente (INEA), o curso de Condutores Ambientais realizado pelo projeto busca fortalecer a sustentabilidade e geração de renda das ações de TBC já desenvolvidas pelas comunidades quilombolas do Parque Estadual da Pedra Branca.



Aulas do curso são realizadas em plataforma virtual e também através de atividades de campo

A ementa do curso é constituída pelos módulos:

- 1) Características da Unidade de Conservação: Biodiversidade, geografia e patrimônio histórico;
- 2) Legislação ambiental e regulamentações;
- 3) Turismo e Sustentabilidade e Técnicas de condução e interpretação;
- 4) Noções de cartografia e ferramentas de direção; e
- 5) Segurança e equipamento.

As aulas envolvem debates teóricos e atividades de campo e estão sendo ministradas pelas lideranças quilombolas, profissionais do PEPB e professores convidados.

Para os próximos encontros, estão previstos os seguintes módulos: ecoturismo, segurança nas atividades de turismo, interpretação de trilhas e educação ambiental, noções de ecologia, história dos quilombos, monitoramento e manejo de trilhas, cuidado com animais peçonhentos, noções em primeiros so-

corros, plano de contingência e resgate, e, por fim, comportamento seguro e prevenção de acidentes e combate de incêndios.

Trilha para Pedra do Telégrafo

No dia 19 de março, o grupo de alunos do curso de condutores junto com o instrutor Jorge Oliveira Junior, que é guarda-parque do PEPB e Guia de Turismo, fizeram a Trilha do Telégrafo, que fica em uma das vertentes do PEPB.

A aula ministrada pelo Jorge (também conhecido como Jota) foi de “Planejamento e técnicas de condução de grupos em áreas naturais: Conduta consciente e com mínimo impacto”, e compõe o Módulo 3 do curso.



Ivani, da comunidade Quilombola Cafundá Astrogilda



Equipe que participou da trilha



Aula contou com a condução do guarda parque Jota

A Pedra do Telégrafo, nos últimos anos, se destacou como um dos principais atrativos da cidade. Na aula de campo, Jota abordou sobre aspectos relacionados à gestão e ordenamento do Uso Público do PEPB, contou um pouco da história de Barra de Guaratiba (bairro onde fica a trilha) e destacou que o condutor local deve estar atento aos impactos ambientais que os visitantes podem causar.

Atividade de Campo na Piraquara

No dia 26 de março os alunos do curso de condutores, com a instrução do guarda-parque do PEPB Murillo Peixoto de Sant'Anna Junior, participaram de aula no Núcleo Piraquara do PEPB. O tema da exposição foi georreferenciamento de trilhas com uso de mapas e bússola.

O ponto de partida foi a Sub-sede onde foram feitas as primeiras orientações e distribuição das ferramentas para a orientação. O roteiro tinha como destino a vertente Canal da Serra.

Durante a aula foram abordados os temas: pontos cardeais, uso de elementos



Paulinho, Jonathan e Ivani na aula que ocorreu no Núcleo Piraquara do PEPB



Adilson Júnior, estagiário do projeto e liderança quilombola do Cafundá Astrogilda e Caroline Santana, coordenadora pedagógica que acompanha as ações de TBC

de visualização como referência para localização e observação dos pontos de nascentes de água do Parque.

Ao longo da trilha além de lindas vistas da Zona Oeste do Rio de Janeiro os alunos puderam observar importantes referências para as outras trilhas existentes no Parque, tais como: A Pedra Jesus Vem, o Arqueduto e a Pedra

Rachada. A parada para descanso foi no Sítio Falcão, lá puderam se refrescar com as águas de uma das nascentes da trilha e observar as ruínas do antigo sítio. A aula durou cerca de 6 horas e foi concluída após importantes ensinamentos aos novos condutores sobre técnicas de condução segura.

Oficinas de Educomunicação e Fotografia

Com enfoque no intercâmbio entre a juventude quilombola do Quilombo do Camorim, do Quilombo Cafundá Astrogilda e do Quilombo Dona Bilina, as oficinas de fotografia têm apoiado o debate sobre o papel ancestral das comunidades tradicionais na conservação ambiental no Parque Estadual da Pedra Branca.



Oficina foi também espaço de intercâmbio da juventude quilombola

A atividade visa também contribuir com a apropriação e o uso de máquinas fotográficas semi-profissionais e portáteis, de modo que seja possível apoiar na apropriação de tecnologias que fortaleçam o vínculo com a floresta, a organização dos acervos e das memórias quilombolas.



Variedade de flores do Quintal da Tati, no Quilombo Cafundá Astrogilda. Foto_ Mateus Fialho



Taís Martins e Mateus Fialho, do Quilombo Cafundá Astrogilda, e e Rafael Lopes, oficineiro

O jovem Mateus Fialho, de 17 anos, tem participado de todos os módulos e demonstrou grande habilidade no uso das tecnologias. Ele compartilhou algumas fotos que fez no quintal de sua avó, Tati Mesquita, no Quilombo Cafundá Astrogilda.

Mateus se interessa por tecnologia e tem demonstrado habilidades para as fotos. “Me interessei muito pelo estudo da fotometria, que é uma das 3 coisas mais importantes para termos uma boa imagem. Deu pra aprender bastante e bem rápido. É bom ter o grupo pra poder trocar experiências com as fotos e receber retornos e comentários sobre as imagens. É uma experiência muito boa”

Cada associação recebeu um kit de câmera fotográfica, contendo bolsa de proteção, material de limpeza para lentes, cartão de memória e baterias extras.

Neste mês de março, realizamos mais uma ação no Quilombo do Camorim, onde fizemos trabalho de campo e saída fotográfica nas margens do Rio Camorim. Lá, conversamos sobre a importância em



Adryan e Herick da juventude do Quilombo do Camorim

contar, através de imagens, acerca da ocupação não planejada do bairro e sobre o processo de resistência que a comunidade quilombola exerce para manter esse bioma das Mata Atlântica. A ocupação tem provocado poluição do rio e a população reivindica o saneamento básico adequado e o tratamento das águas do local.

As lideranças quilombolas também identificam que o avanço da especulação imobiliária e a construção de condomínios na região, nos últimos anos, extinguiu cerca de 4 hectares do bioma da Mata Atlântica. A manutenção das áreas verdes no entorno do Maciço ameniza a temperatura do ambiente, e é um filtro e caminho para as águas que vem das florestas.

Para Rosilane de Almeida, liderança do local, a participação da juventude nas ações da Acuca é importante para criar opções de atividades que permitam o fortalecimento da identidade quilombola da juventude. “Seja no plantio, nas oficinas, ou até atra-

“*Aqui é a Faculdade a céu aberto Quilombo do Camorim*”

– Adilson de Almeida

vés de brincadeiras, a presença deles nesse espaço cria na mente deles a opção de que podemos seguir o caminho de fortalecimento quilombola. É um legado para as próximas gerações”.

Na oficina, conversamos também sobre a importância em preservar o Sítio Arqueológico do Engenho do Camorim, local que é tombado pelo IPHAN e que fica no quilombo. Lá, foram encontrados vestígios de louça portuguesa e cachimbos indígenas. A Acuca desenvolve um importante papel na difusão da história arqueológica da cidade do RJ, dando ênfase ao papel e as lutas da comunidade quilombola que viveu na região. Como diz Adilson de Almeida, liderança local “Aqui é a Faculdade a céu aberto Quilombo do Camorim”.

Quer saber um pouco mais do Quilombo do Camorim? Assista aqui aos documentários [“A história de onde eu vim”](#) produzido pela Acuca com apoio do projeto.



A **Folha Informativa** é um material de comunicação institucional e bimestral do Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta. O objetivo é compartilhar o contexto geral do projeto, garantir o acompanhamento das ações e contribuir para a apropriação e desenvolvimento de uma cultura de controle social e transparência sobre iniciativas de projetos patrocinados.

Coordenação Editorial

Bruna Távora, Murilo Holanda, Mariana Portilho e Ingrid Pena

Produção de Conteúdo

Equipe do Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA

Diagramação

Pedro Biz

Clique e acesse as edições anteriores:

[Boletim 1](#)

[Boletim 2](#)

[Boletim 3](#)

[Boletim 4](#)

[Boletim 5](#)

[Boletim 6](#)

[Boletim 7](#)

[Boletim 8](#)

[Boletim 9](#)



**PROJETO
SERTÃO
CARIOCA**
CONECTANDO CIDADE E FLORESTA

O Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta é realizado pela AS-PTA em parceria com o Quilombo Cafundá Astrogilda Ferreira, Quilombo do Camorim e Quilombo Dona Bilina. Tem o patrocínio da Petrobras, por meio do Programa Petrobras Socioambiental.

**Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA
que executa o projeto**

**Lideranças Territoriais
e Agentes Comunitários**

Sandro Santos e Maria Lúcia
Mesquita, Alice Franco e Rosilane
de Almeida.

**Coordenador Geral do
Programa de Agricultura
Urbana e Supervisor
Metodológico do projeto**

Márcio Mendonça

Coordenadora geral do Projeto

Ingrid Pena

Coordenadora Social

Caroline Santana

Assessoras Agrícolas

Renata Souto e Letícia Ribeiro

Assessoras de Comunicação

Bruna Távora e Mariana Portilho

**Assistente financeiro
e de tesouraria**

Camilla Lima e Bárbara Batista

Estagiários

Murilo Marques, Marina Pellegrini,
Geovana de Melo, Michel
Cole, Adilson Júnior, Caroline
Rodrigues e Rudson Amorim

Para saber mais:

www.aspta.org.br

<http://projetosertaocarioca.wordpress.com>

Instagram: @agroecologiaaspta

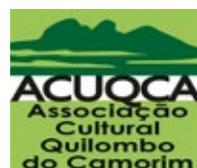
Facebook :asptaagroecologia

E-mail: comunicasertao@aspta.org.br

REALIZAÇÃO



PARCERIA



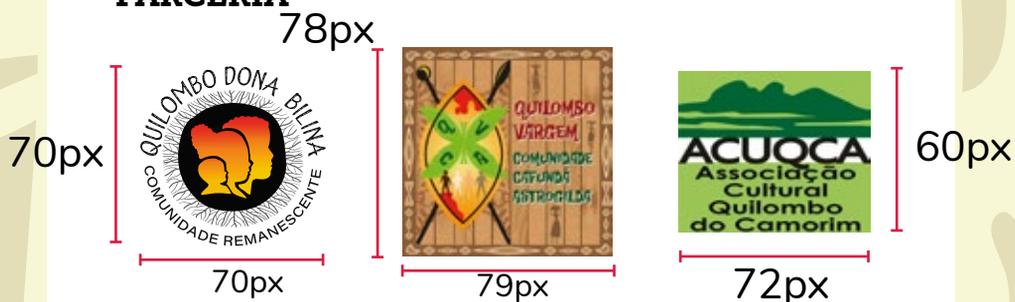
PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO



PARCERIA



PATROCÍNIO

